

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 30 de abril de 2014**

*Texto de referência: J. Carrón, Introdução dos Exercícios
da Fraternidade de CL: “Correndo para alcançá-Lo”.*

- *Abramo*
- *Il Giovane ricco*

Glória

Carrón: Boa Páscoa a todos! Começamos o trabalho de surpreender o que aconteceu, o que está acontecendo em nossa vida depois dos Exercícios da Fraternidade. Na *Introdução* foi colocada uma questão: o que é o essencial? Aqui, não interessa tanto saber se entendi a definição exata ou não, se fiz tudo certo ou se errei, mas, se me dei conta, quando me dei conta do que é o essencial.

Colocação: *Que furacão, que tempestade você provocou no meu coração! Cheguei em Rímini com a espera e com o pedido de que Ele pudesse voltar a me abraçar. Sonhava poder estar ali com o mesmo coração ferido e palpitante de cinco anos atrás, quando encontrei vocês e renasci. O que está acontecendo é isto: o caminho que você está me propondo percorrer é tão radical, tão forte e consistente que, inicialmente, diante da sua insistente pergunta “Quem é Cristo?”, senti-me quase enfasiada, importunada na minha certeza consolidada e formal de que eu O conhecia muito bem, tinha me deparado com Ele inúmeras vezes, me havia resgatado do lago da minha vida desordenada e arrogante a ponto de fazer-me decidir mudá-la totalmente. Bem ou mal, tinha certeza de ter cedido ao Seu incrível fascínio. Em suma, até senti muitas vezes que sou boa pessoa. Porém, que engano! Essa sua pergunta sempre emergia, fazendo-me sentir insegura e irritada. Primeiro, experimentava um incômodo incrível, depois uma grande inquietude e, por fim, um desconforto. Percebia uma discrepância intolerável entre aquilo que parecia perceber e a minha vida. No cotidiano, senti-me “quebrarem as pernas”. Mas como era possível? O que eu tinha perdido? E, assim, cheguei a Rímini com essa providencial dor, cheia de graça e ternura, e você me acolheu com a pergunta: “A quem de nós não agradaria estar aqui esta noite com a mesma face toda aberta, toda tensa, toda desejosa, plena de admiração, de Pedro e João a caminho do sepulcro, na manhã da Páscoa?”. Senti-me dramaticamente – reforço dramaticamente – no limiar de uma inacreditável profundidade e verdade do meu eu e da minha humanidade. Experimentei uma grande vertigem, como se pela primeira vez percebesse a espessura e a grandeza de um desafio que era dirigido a mim. Repensei em todas as vezes em que, na Escola de Comunidade, cheguei pronta para me colocar se aparecesse ocasião: poderia contar uma série de fatos importantes, decisivos, nos quais era evidente Jesus em ação – e poderia até jurar –, mas isso não é suficiente. Experimentei uma dor, senti todo o peso do meu eu “político”, das minhas respostas parciais, da minha histeria. Obrigada, porque seu desafio a essa radicalidade me faz ir até o fundo, e desejo apenas deixar-me vencer. Cristo não é um pensamento ou uma imaginação minha, mas existe, existe! Não tenho que fazer um esforço de imaginação, preciso simplesmente dar-me conta de que Ele existe. A Sua iniciativa para comigo me faz experimentar uma extraordinária ternura: não leva em conta toda a minha fraqueza, toda a minha miséria e, o que é mais impressionante, usa da minha humanidade não como obstáculo, mas como recurso. Dessa forma, tudo se torna caminho, e minha vida impossível torna-se possibilíssima; mais: amabilíssima. Obrigada, Julián, gosto muito de você porque me leva até o meu Bem. Tenho uma imensa gratidão.*

Carrón: A pessoa pode chegar a Rímini como ela acabou de nos contar; assim como pode estar aqui esta noite em qualquer situação. O que documenta o que é o essencial? Que, mesmo se a

pessoa chega e se sente incomodada por uma pergunta que lhe foi colocada, insegura e irritada, com esse incômodo incrível, com essa providencial dor, Cristo torna-se potentemente presente, não como um pensamento – porque um pensamento não consegue despertar o eu dessa forma –, mas pelo acontecimento que Ele é e que simplesmente facilita a ela dar-se conta da Sua presença. Então, como ela descobriu o que é o essencial? Porque a torna mais potentemente ela mesma. O que dissemos, lendo o oitavo capítulo da Escola de Comunidade? Que só o divino salva todos os fatores do humano, os faz emergir à consciência de cada um. Quando nos incomodamos com isso, significa que não aconteceu, porque quando Ele acontece não nos incomoda, ao contrário, faz com que experimentemos uma espessura e uma grandeza, uma profundidade e verdade do nosso eu, como ela descreveu. Isto é Cristo: não uma explicação, não um elenco de frases, mas esse dar-se conta, esse despertar do próprio eu, esse tornar-se si mesmo. Como escreve outra amiga: “Que grande acontecimento foi para mim esses dias! Voltei dos Exercícios com uma grande comoção e com o coração cheio de alegria por tê-Lo encontrado novamente, porque a Sua presença manifestou-se a mim através da pessoa que testemunhou o carisma de Dom Giussani e a beleza de uma vida desejosa da Sua presença. Por aquilo que experimentei naqueles dias, foi possível, para mim, abraçá-Lo de novo e voltar para casa mudada e cheia de letícia [sabemos que existe porque opera: “É, se opera”]; não é algo que eu aprendo e depois aplico; não: Cristo é algo que acontece]. Sou eu, mas não sou mais eu. Todos perceberam isso: do meu marido (que, olhando para mim e ouvindo-me contar o que aconteceu, decidiu ir aos Exercícios dos Jovens Trabalhadores), aos meus colegas de escola e meus amigos (alguns me disseram: “O que aconteceu com você? Por que está assim tão radiante?”). Estou contente, sinto uma grande paz no coração. Não é um fazer as coisas, mas um amor, uma afeição, um ser amados que muda a vida. E foi assim que aconteceu. Voltar para casa depois de três dias nunca foi simples, sempre sentia-me nervosa e tensa; mas, desta vez, estava tão agradecida por aquilo que tinha me acontecido que tudo foi diferente [podemos verificar que aquilo de que estamos falando é a mesma coisa que aconteceu a André, que naquela noite voltou para casa – segundo o que sempre nos contou Dom Giussani – e era possível ver o que lhe tinha acontecido pelo modo como abraçou a mulher, não porque tentou aplicar aquilo que tinha visto, mas porque percebeu uma mudança de si que se documentava em um modo completamente diferente de abraçar a mulher]. Eu não tinha mais a preocupação de fazer ou mudar as coisas [não é essa a questão], mas, com o coração pleno da Sua presença, pude enfrentar tudo de maneira totalmente nova [não é que não devamos enfrentar as coisas, é que enfrentando as coisas, as mesmas de sempre, nos descobrimos fazendo-o de uma maneira nova]: fazer a comida, ir à escola, estar com meus filhos, com meus alunos. As mesmas coisas de antes, mas, agora, o coração está pleno de paz e de amor”. É isso que queremos dizer quando afirmamos que o cristianismo é um acontecimento. Não é uma categoria entre outras, ou uma explicação; é algo que acontece e que vejo na maneira diferente, nova, com a qual trato as coisas, do abraçar a mulher (como André) ao dar de comer aos filhos.

Colocação: *Daqui, surge uma pergunta: como permanece, como o coração pode continuar tenso e aberto? Porque eu também, nos Exercícios, entendi...*

Carrón: Por que nasce em você, agora, este desejo de estar tensa e aberta?

Colocação: *Porque na primeira noite dos Exercícios você nos convidou a ter o mesmo coração de João e de Pedro enquanto corriam ao sepulcro. Senti este convite como sendo feito a mim, porque era exatamente o meu desejo. E com este coração tenso, no dia seguinte percebi a excepcionalidade de Cristo no modo com o qual você nos olhava e nos falava e, então, entendi o capítulo oitavo também na experiência. De repente, senti-me contente como há muitos meses não acontecia. E, agora, quero continuar experimentando essa alegria.*

Carrón: “De repente”, entendem? De repente, percebeu-se contente. Isto é o cristianismo: um acontecimento que se dá. Como em todo acontecimento, “de repente” a pessoa se vê diferente e, dali, surge o desejo.

Colocação: *Quero continuar experimentando essa alegria e...*

Carrón: E como, na sua experiência, aquilo que você viveu em Rímíni está respondendo à sua solicitação? Como reacontece? Porque, no acontecer, já está o método segundo o qual pode reacontecer.

Colocação: *Percebo que aquilo que aconteceu permanece na memória e, então, olho para as coisas com mais certeza, com uma certeza maior da presença d'Ele.*

Carrón: Quer dizer: você chega aos Exercícios de um certo modo, e acontece algo que muda você e a torna contente. Não há outro método. Então, como reacontece? Através do mesmo método. De fato, o que fez Dom Giussani (como veremos retomando as palestras dos Exercícios)? Sempre nos fez identificarmo-nos com a experiência de João e André; começou falando-nos sobre o que aconteceu com eles, colocando esse fato diante dos nossos olhos para que pudesse reacontecer (como você dizia antes). Depois, nos desviamos para o “fazer”, para o pensar que tínhamos outra coisa mais interessante do que isso para fazer. E para corrigir esse nosso desvio, o que Giussani fez? Dissemos nas palestras: falou de novo sobre João e André no episódio do rio Jordão com João Batista. Não há outro método. É o reacontecer daquele acontecimento, caríssima, que precisamos pedir; e precisamos constantemente retomar a consciência disso através da memória. Como me dizia esta manhã um estudante numa aula da Universidade Católica: não é possível arrancar de si aquele evento, porque continua a voltar e a voltar e a voltar, como quando alguém vai a uma festa e se apaixona: no dia seguinte acorda com aquele rosto na lembrança.

Colocação: *Porém, percebo que, voltando à vida cotidiana (com todas as dificuldades da vida), a evidência e a clareza que tinha ali não são mais tão fortes e, muitas vezes, a distração e a dificuldade dominam.*

Carrón: Então, é exatamente ali onde você está que deve deixar-se desafiar uma vez após a outra, para que esse olhar se torne cada vez mais seu. É preciso dar-se conta de que este é o caminho a fazer: “Esperem um caminho, não um milagre” (L. Giussani, “Encontro Nacional com os Vestibulandos”, Rímíni, 28-30 de setembro de 1982, Arquivo CL). Esta frase sempre me vem em mente, desde que a ouvi pela primeira vez. Para você, com base naquilo que nos contou, o milagre aconteceu; mas, como você vê, o milagre não basta, porque voltando à rotina, depois de um tempo tudo se enfraquece novamente. Como aconteceu com aquele aluno da Católica que veio falar comigo no intervalo após a explicação do capítulo dez de *O senso religioso*: “Comigo aconteceu exatamente esse maravilhamento diante da realidade, porque tive um acidente de moto e fiquei em coma. Depois, quando acordei tudo era novo, tudo se tornava extraordinário, nada era óbvio. Acordar era como dizer: ainda estou aqui; tudo chamava a minha atenção”. “Viu? Com você, aconteceu o milagre”. Mas ele me disse que estava cheio de dor porque naquela manhã já tinha se esquecido desse maravilhamento, não fazia mais experiência dele. Eu lhe disse: “Vê? Não basta o milagre. Para que isso se torne seu, é preciso um caminho”. A conversão é um caminho, como dissemos.

Colocação: *Tentei responder à pergunta sobre o essencial. Depois de cerca de um ano procurando emprego, comecei a trabalhar há cinco meses, e é um grande desafio, difícil, requer dedicação, e me obriga a me lançar todos os dias, a tomar decisões e adquirir conhecimentos precisos para não trabalhar de maneira casual e sumária. E me obriga a olhar para muitas pessoas diferentes de mim, com as quais normalmente não gostaria de ter qualquer ligação. Ainda tenho muito para aprender e normalmente cometo erros práticos, nos relacionamentos com meus colegas e com as pessoas; porém, começo todos os dias pedindo para trabalhar bem, para trabalhar o melhor que posso, para não errar muito e para ser a mais eficiente possível. Para mim, no trabalho, isso tem sido o essencial.*

Carrón: Quer dizer, para você, o essencial era o resultado no trabalho.

Colocação: *Sim. Não cometer erros.*

Carrón: E então?

Colocação: *Porém, percebi que essa é a mentalidade de todos, a mentalidade do sucesso.*

Carrón: A pessoa, percebendo-se em ação, dá-se conta de que o essencial para ela é o sucesso no trabalho.

Colocação: *Há pouco tempo, cometi dois erros graves e parecidos numa distância pequena de tempo, e alguma coisa mudou. Porque, depois de um erro é possível se levantar, todos lhe dizem que errar é humano e que pode acontecer; porém, eu não esperava ter outra distração parecida. E, assim, me vi obrigada a perguntar-me novamente o que é, para mim, o essencial na vida, qual é a minha verdadeira necessidade; porque, se o essencial é o sucesso, então, diante dos erros, estou acabada. E, então, se olho para mim, fico realmente oprimida pela minha impotência e caio na angústia e no medo pelo erro que cometi e pelos tantos que ainda cometerei, e fico presa e paralisada porque o meu essencial desmoronou.*

Carrón: Veem? A pessoa descobre, mesmo errando, que colocou o essencial em algo que se revelou insuficiente. Então, aqui, não me interessa voltar a atenção, em primeiro lugar, para o erro, me interessa o caminho! O fato de ter cometido esse erro fez com que se revelasse diante de seus olhos o que era, para você, o essencial da vida. Agora você é mais consciente disso. Isso é mais decisivo do que não errar. Ficamos muito preocupados com os erros, ao invés de aprender. E agora, do que você tem necessidade?

Colocação: *Perguntei-me como eu poderia olhar para mim de outra maneira, porque preciso responder a essa pergunta para poder me levantar amanhã de manhã e voltar para o trabalho. E o que descobri é que preciso redescobrir sempre que o meu valor não é medido pelo sucesso; preciso experimentar concretamente, sempre, um olhar que abraça a mim e aos meus erros. Descobri que esse é o verdadeiro essencial, senão caio diante do primeiro obstáculo, como me aconteceu no trabalho.*

Carrón: Percebem que o essencial não é um fazer, mas um amor? É assim que, na vida, revela-se diante dos nossos olhos o que é o essencial.

Colocação: *O que me libertou foi que na história aconteceu aquilo de que preciso, isto é, Cristo morreu e ressuscitou para salvar a mim, meus erros e meus pecados. Tenho a possibilidade de redescobrir isso na companhia da minha família, dos meus amigos e de alguns colegas; e isso é uma coisa que eu vi com uma clareza que poucas vezes tive. Digo isso porque o vi, não porque é a resposta certa. Minha impotência me obriga a olhar para o fato de que sou falível, e isso me amedronta muito porque a minha capacidade de errar é enorme, porém, também é o modo através do qual entendo que a minha felicidade não pode depender da minha perfeição, mas que, ao contrário, sou ligada a um Outro que me quis assim, com as minhas imperfeições, e que me as dá como um instrumento para crescer. Mas, permanece a dor pelo meu erro e pela minha distração porque gostaria de não errar; porém, para mim, agora, a alternativa está entre a angústia que me paralisa e o confiar-me à oração e à companhia dos meus amigos para entender melhor quem eu sou e para poder gozar a vida. E este é um caminho que eu comeci, porém continuamente me esqueço, recaio no medo.*

Carrón: Não importa. A questão é um caminho que nos dá novamente cada vez mais clareza, como você disse, “uma clareza que poucas vezes tive” do caminho a ser feito. Obrigado.

Colocação: *As duas últimas semanas foram muito provocadoras para mim, no sentido de que tudo nos meus dias fazia com que minha experiência girasse em torno daquela pergunta que você e o Papa fizeram: o que é o essencial? O que é essencial para a minha pessoa e para a minha vida? Então, participei do Tríduo Pascal dos universitários e, na Sexta-feira Santa, foi dito: “Para responder a essa pergunta é necessário que nós deixemos Cristo lavar os nossos pés”. Muitas vezes, eu reluto contra essa possibilidade de que Cristo seja o essencial para mim. No domingo, ouvindo a homilia do Papa Francisco que proclamava João XXIII e João Paulo II santos, senti-me*

chamada novamente a isto. Os santos não se escandalizaram com as chagas de Cristo, ao contrário, as amaram porque através daquelas chagas fomos salvos. Deixaram Cristo lavar-lhes os pés, reconheceram o essencial, tornaram o essencial visível a nós. Mediante aquelas chagas realizaram a verificação da fé, isto é, o essencial. E isso é apenas o ápice de duas semanas em que tudo me falava daquele essencial: no domingo de Páscoa, dia que minha família festejou apenas com a santa missa porque não houve tempo de preparar o habitual almoço maravilhoso com os parentes; na segunda-feira, no casamento da minha prima; na terça, numa visita à famosa Capela dos Scrovegni; e nos outros dias, ainda, no relacionamento com minha irmã. E no domingo, nasceu a minha pergunta, o meu grito: como isso é possível? Gostaria de retomar uma frase da Introdução: como podemos “ser incoerentes e ser centradíssimos no essencial”? Gostaria que você explicasse melhor essa afirmação, porque não me dá paz.

Carrón: Quem quer responder a essa pergunta?

Colocação: Comigo, aconteceu assim: fui aos Exercícios com uma grande expectativa; esperava por esse momento há meses, mas acabei participando de modo parcial. Acompanhei as palestras com atenção, mas no resto do tempo não segui as indicações: no hotel, no tempo livre, em todos os outros momentos que fazem parte dos Exercícios (e você ainda lembrou deles e enfatizou!). Então, no domingo, enquanto voltava para casa sentia uma grande dor e, conversando com uma amiga, chorei por ter jogado fora aquele momento, porque sentia uma tremenda falta de Ele, porque aquilo que mais desejo é que Cristo invada toda a minha vida. Vivi dois dias de grande dor pela oportunidade desperdiçada. Depois, provocando os amigos, perguntando, descobri que aquela dor não era igual a nada, que aquela dor já era o ponto de partida. Você disse, na Introdução: “Quando se sublinha a distância entre intenção e experiência, o tema não é, antes de tudo, a coerência, não é quantas vezes erramos, mas o que nos define até quando erramos; ou seja, o tema é o conteúdo da autoconsciência, qual é o real ponto de consistência, o que nós efetivamente perseguimos e amamos na ação, o que é para nós o essencial. De fato, podemos ser incoerentes e ser centradíssimos no essencial”. Então, percebi que Cristo é essencial para mim, e não por uma minha capacidade ou escolha, não porque estou dizendo, mas porque senti na carne. Não posso prescindir da Sua presença e todas as vezes que não O reconheço a vida decai e eu não aguento. Vi-me, à minha revelia, vivendo a mesma experiência de Pedro diante do Senhor, quando lhe pergunta: “Tu me amas?”. O descobrir-me ainda assim necessitado por não me ter jogado completamente com os meus amigos foi a passagem necessária para me dar conta que, independentemente de mim, do que decido e faço, Ele é o essencial. É Ele que demonstra ser essencial, não sou eu que decido. E isso emerge dentro da vida. Lembrei-me de um trecho da entrevista de Giussani em *Vidas Extraordinárias* (18 de fevereiro de 2007), onde ele fala sobre o “sim” de Pedro: “Quando disse: ‘Senhor, tu sabes tudo. Apesar de todas essas aparências, apesar de todas as aparências, apesar de todas as aparências de mim para comigo mesmo, sabes que te amo’. Quero-te, porque ‘te amo’ significa ‘te quero’; ‘te amo’ significa ‘te quero’, e ‘te quero’ significa ‘te afirmo’: ‘Te afirmo, reconheço o que és, reconheço o que és para mim e para tudo’. Em suma, é este o choque do moralismo e da justiça feita com as nossas mãos: que aquele homem ali era um pobre pecador como eu e você, era um pobre pecador que tinha acabado de traí-lo, e mais que isso, de modo indecente, de um modo tão despudorado que talvez não tenhamos lembrança de já ter acontecido. Estava carregado de erro e, no entanto, O amava”.

Carrón: Isso é o que temos dificuldade de relacionar: estava carregado de erro e, no entanto, o amava; carregado de incoerências e, ao mesmo tempo, centradíssimo no essencial. Por quê? Porque é Ele que demonstra ser essencial – você dizia –. Em que se vê que Cristo é essencial? No fato de que todo o meu erro não impede Cristo de despertar toda a minha afeição e de se tornar essencial para mim. Como diz Dom Giussani naquela frase estupefata, explicando o “sim” de Pedro: “Não sei como, Senhor. Minha simpatia humana é por ti; minha simpatia humana é por ti, Jesus de Nazaré”

(*O tempo e o templo. Deus e o homem.* Bur, Milão 1995, p. 50). E quem dizia isso era alguém que tinha acabado de traí-Lo. A pessoa pode errar e ser centradíssima no essencial. Por quê? Porque aquele fio de ternura cresce sempre mais, se liga sempre mais, como vocês veem acontecer com seus filhos; não é que param de errar, mas vocês veem que o fio que os liga a vocês cresce. Nenhum outro exemplo explica de forma tão simples como as duas coisas não estão em contradição. E exatamente porque cresce essa afeição, porque cresce esse fio de ternura, Cristo demonstra ser essencial, como vocês demonstraram ser essenciais para seus filhos; não porque de repente tudo está certo, mas porque mesmo no erro cresce cada vez mais a afeição que nos faz entender o que é o essencial, quem é o essencial.

Colocação: *Conto um fato que me aconteceu na semana passada no Senado Acadêmico. Para falar sobre isso preciso descrever um evento que aconteceu na mesma manhã. Eu e alguns colegas da minha faculdade decidimos fazer uma panfletagem na universidade para convidar para o gesto pascal que aconteceria na Quinta e Sexta-feira Santos. Logo encontrei um rapaz que me disse que era o mais ateu dos ateus. Contou-me que sempre foi cristão e que sempre concebeu a fé como um relacionamento com Deus, mas apesar disso, sempre se decepcionou com os padres e as pessoas que conheceu, a ponto de chegar a esse juízo negativo. Esse seu pensamento é tão forte que tem vontade de se “desbatizar”. Depois de ter me contado isso, perguntou o que era a fé para mim. Diante da radicalidade da questão, não podia responder-lhe com frases ou discursos, ou contando fatos bonitos porém secundários, não podia reduzir a questão e, então, fui obrigada a lhe dizer como acreditar em Jesus mudava a minha vida, contei-lhe como eu percebia a mudança do meu olhar diante das coisas cotidianas, no relacionamento com minha família ou com meu namorado e meus amigos, e como eu via, nessa mudança, a ação de Jesus. Enquanto eu falava, este rapaz parou de olhar o celular, cancelou todas as ligações que recebia, e até deixou sua namorada esperando na cantina para conversar comigo. À tarde, fui ao Senado e o encontro que acabei de descrever, tendo ido diretamente ao ponto da fé, me deixou tranquila, contente. No Senado, eu sou a única da minha lista e não sou amiga de nenhum professor. Por isso, sempre chego ali um pouco agitada por não saber com quem posso contar, e cheia de ansiedade porque tenho a sensação de que não dou conta sozinha e de não ter nenhuma incidência. Por isso, resumindo, a letícia que sentia naquele dia era inexplicável. Além disso, aquela sessão seria a mais tumultuada, porque votaríamos sobre as vagas de um departamento, e na reitoria havia muitos estudantes protestando com megafones e faixas. Novamente, portanto, a minha tranquilidade diante daquilo era inexplicável. Essa letícia tornou-me, de repente, mais inteligente na maneira de agir, e como eu estava ali para votar não por ideologia, comecei a ler as atas e a fazer perguntas para quem falava, para poder entender. Depois de um tempo, aproximou-se de mim um professor com quem nunca tinha falado antes, e me disse: “Você é diferente. Pode-se ver que aqui dentro você é a única entre os estudantes que usa a razão, porque não está aqui para defender princípios ideológicos, mas para construir, e isso a torna mais livre e sincera na votação. Estou lhe dizendo isso porque percebi essa diferença há seis meses”. Naquele dia a sessão foi suspensa e voltamos no dia seguinte para votar. Nessa segunda sessão a situação tornou-se mais inflamada, os estudantes começaram a protestar mais e até a interromper a votação, pedindo o voto nominal projetado na tela, o que suscitou irritação e gritaria dos professores. Nesse clima de tensão, o reitor se afastou durante as votações; os outros estudantes se aproximaram de mim e me disseram para agir como uma estudante de verdade e votar como eles. Aquela sessão tinha feito aflorar o pior de todos, tanto que não conseguia apoiar ninguém. O mesmo professor do dia seguinte se aproximou de mim e disse: “Mais uma vez estou vendo a sua diversidade: enquanto todos estão irritados e ideológicos, você está triste porque é claro que não está aqui para brigar, mas para outra coisa”. É impressionante como essa tristeza assumiu de repente um outro significado! No dia seguinte, esse professor me escreveu um e-mail dizendo-me para continuar vivendo o Senado assim, como um*

lugar para construir, antes de tudo, a mim como pessoa, como mulher, e só assim, depois, seria possível fazer algo no mundo fora do Senado. Disse-me que me falava como um pai, e que eu poderia procurá-lo para qualquer questão. A partir dessa extraordinária história dei-me conta de algumas coisas: antes de tudo, ter reconhecido, naquela manhã, com aquele rapaz, o que era o essencial para mim, o que era o relacionamento com Jesus para mim; não era algo que eu tinha me imposto como objetivo da manhã. Reconhecer o essencial para a própria vida não significa uma coisa correta a ser feita, mas é uma coisa que acontece no impacto com a realidade, no encontro com quem não sabe o que é a fé e lhe pergunta. E responder não é algo de espiritualista ou intimista, é um reconhecimento que nos convém, porque é concreto e nos muda concretamente; como expliquei, tornou-me mais inteligente na votação. Em segundo lugar, dei-me conta de que isso acontece por uma disponibilidade minha em dizer: “Jesus, tome tudo, tome também o Senado, toma-me também no Senado”. E isso é possível por causa de uma seriedade no trabalho da Escola de Comunidade que você está nos propondo há meses. A partir disso, entendo que o primeiro instrumento para estar no mundo e no Senado é exatamente a Escola de Comunidade feita com essa seriedade que, entre outras coisas, nos coloca em ação também nas questões técnicas. Por fim, estou reconhecendo aquilo que me disseram assim que fui eleita: que um eu mudado muda os lugares. E isso se pode ver.

Carrón: Você descobriu o que é essencial para você, não fazendo reflexões abstratas, mas no impacto com a realidade. Porque surpreendeu uma diversidade no modo de estar no Senado Acadêmico, na maneira de estar diante do rapaz que queria se “desbatizar” (tanto que esquece o celular e a namorada para ficar ali com você, pela curiosidade em relação àquilo que você vê). É assim que o essencial para a vida se revela diante dos nossos olhos. É pelo uso da razão, pela liberdade, pela tranquilidade com a qual estamos no mundo. Os outros se dão conta de tudo isso. Muito diferente de ficar fechados nas sacristias! E isso requer que nos deixemos tomar de tal modo pelo essencial, na realidade, que só o fato de existirmos, o testemunha. Muito diferente de ser intimistas! É exatamente ali onde se evidencia – na realidade, em meio à luta – quem é Cristo e qual novidade consegue introduzir na vida. Então, a questão é se isso se torna cada vez mais nosso fazendo o caminho da Escola de Comunidade, como ela diz. Quando eu me descobro desse modo na realidade, é uma surpresa, como aconteceu com ela, a última que chegou ao Senado Acadêmico, surpreendeu-se no momento das polêmicas e da votação. A sua liberdade me lembra aquela descrita nos *Atos dos Apóstolos* – vocês o ouviram recentemente, se foram à missa –. Pedro e João foram levados ao sinédrio (como ela, ao Senado Acadêmico). Imaginem duas pessoas do povo, ignorantes, diante dos escribas, dos fariseus e dos sumos sacerdotes, que ficam impressionados (como o professor): “Esses homens são diferentes!”. Por que eles se impressionaram? Porque, embora não tendo estudado (os dois eram analfabetos, porque só os escribas e os fariseus podiam estudar), falavam diante de todos com uma liberdade inexplicável. Até que os sumos sacerdotes percebem que Pedro e João tinham sido companheiros de Jesus. Na convivência com Jesus tinham sido gerados por uma experiência de vida que impressionava! Escribas e fariseus, naquele momento, não se impressionavam com Jesus em carne e osso, mas com dois pescadores. Isso documenta que novidade a convivência com Jesus introduziu em suas vidas; errando, esquecendo-se, discutindo sobre quem era o primeiro, mas nunca indo embora, para testemunhar o que é essencial para viver, para viver como homens dentro da realidade. O Papa nos chama a atenção para isso como condição do testemunho. Mas, não é que falar do essencial signifique eliminar todo o resto, como alguns dizem: “Fala-se do essencial e, enquanto isso, não fazemos nada!”. Não! O essencial é necessário para viver todo o resto de maneira diferente! Não é que ela tenha pensado no essencial em um momento de recolhimento: ela descobriu o essencial na confusão do Senado Acadêmico! Então, falar do essencial não é deixar fora nada, mas significa percebê-lo ali onde se joga constantemente a vida de todos: estudantes, professores, zeladores, funcionários, todos. E exatamente ali emerge uma figura diferente que testemunha outra coisa. Se o Papa nos chama a isto, como também o fizemos

nos Exercícios, é exatamente por isso; em primeiro lugar para nós, porque quem não gostaria de estar na realidade com tal liberdade, tão capaz de enfrentar as circunstâncias com essa novidade? Ela é capaz, e ainda é uma universitária! Está ao alcance de todos. Não se trata de uma genialidade particular, trata-se, como para Pedro e João, de participar de um lugar onde somos gerados dessa forma.

Colocação: *Nos Exercícios, me surpreendeu a simplicidade do critério evangélico que nos foi sugerido para entender onde está o essencial: “Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 6,21). Isso foi o que mais ficou na minha cabeça neste período, porque descobri que durante o dia faço muitas coisas, inclusive boas, tomo decisões certas, faço escolhas onde me coloco inteiro, e entendo que nesse “inteiro” está o meu coração, e o meu tesouro coincide com essas coisas. Dando-me conta disso, para mim ficou evidente a distância da qual você falava entre o essencial e aquilo em que meu coração se apoia. Isso me fez respirar porque, senão, corro o risco de reduzir tudo a um problema de capacidade e de coerência. Você disse, a certo ponto, que precisamos entender qual é o conteúdo da nossa autoconsciência. Então, me veio uma pergunta: se o conteúdo da nossa autoconsciência, da minha autoconsciência, é débil porque o meu tesouro está sempre em outro lugar, de onde se parte para eliminar essa distância entre a intenção de que Cristo seja essencial e o fato de, na vida, percebermos que o essencial está em outro lugar?*

Carrón: De onde se parte? Tente responder. De onde se parte? Porque todos já temos na experiência todos os elementos para responder a essa pergunta.

Colocação: *Eu parti de uma coisa: que não pude deixar de voltar àquilo que me aconteceu e que mudou a minha vida.*

Carrón: Perfeito. De onde se parte? Parte-se dali, dali! Por quê? Porque naquele momento essa distância foi preenchida; naquele momento não havia distância entre intenção e experiência. No encontro, naquele momento ali, essa distância foi eliminada. Em certo momento, você foi tomado por aquilo que lhe aconteceu. Este é o acontecimento cristão. O cristianismo como acontecimento é isso, que Ele elimina a distância. Então, a questão é se nós voltamos constantemente ali, ao início, porque o método é exatamente esse: é sempre uma graça, é sempre deparar-se com algo diferente de nós, é sempre acolher algo que nos aconteceu, é sempre voltar à memória do encontro feito. Como nos dizia Bento XVI: “Nós somos *memores Domini* porque Ele é *Memor nostri*”, eu posso fazer memória d’Ele porque Ele faz memória de mim (cf. Bento XVI, *Mensagem por ocasião das Exéquias da Memor Domini Manuela Camagni, da Família Pontifícia*, 29 de novembro de 2012). É sempre Ele que toma a iniciativa, que reabre a partida; e eu posso voltar continuamente, como João e André voltaram no dia seguinte para encontrá-Lo, porque se parte sempre dali. E isso, no tempo, faz crescer a autoconsciência, esse laço do qual falávamos, esse fio de ternura, essa simpatia humana que aumenta sempre mais. Cria aquela unidade da vida que, depois, a pessoa percebe possuir enquanto está na confusão: no Senado Acadêmico ou diante dos desafios da vida. Por isso, a nossa preocupação deve ser a de voltar sempre ali, partir constantemente d’Ele, porque é só do acontecimento da Sua presença que tudo recomeça. Não é um moralismo. Não é que o início seja uma coisa e a continuação, outra: é sempre a mesma coisa, o início e a continuação. Por isso, se temos a simplicidade de retornar, de voltar, de retomar nas mãos aquilo que nos aconteceu, de fazer memória – que não é uma lembrança, mas o reconhecimento da Presença que se introduziu para sempre na vida –, então essa autoconsciência cresce e nós ficamos maravilhados com aquilo que Ele testemunha diante dos nossos olhos.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade [com Carrón] acontecerá quarta-feira, 21 de maio, às 21h30. Começaremos a trabalhar sobre a primeira palestra dos Exercícios da Fraternidade.

Eleições europeias. Em vista das eleições de 25 de maio, convido-os a levar seriamente em consideração a difusão do panfleto sobre a Europa [no site www.clonline.org], sobretudo porque no contexto de confusão, de desinformação e de tanto faz em que nos encontramos não se pode considerar óbvio que as pessoas votem. O terceiro ponto do texto fala muito bem sobre o que quer dizer que o eu é o grande recurso para o renascimento da Europa. Por isso, quero ler uma carta que um de vocês me escreveu contando o que significou ter esse panfleto nas mãos. “Algumas noites atrás, no meu grupo de Escola de Comunidade, falamos sobre o panfleto das eleições. Os Exercícios tinham acabado de acontecer, eu tinha lido os capítulos oito e nove, mas depois de uma leitura superficial assim que ele foi lançado, eu tinha me esquecido do panfleto. Embora tenha me parecido realmente bonito, o que tinha ficado para mim? Nada, puro sentimento. Alguns amigos, ao contrário, eram férteis em juízos interessantes, mas eu nem sonhava com isso. Experimentei uma sensação de humilhação, de frustração. Como eu pude esquecer uma parte tão importante da realidade, uma realidade que vem ao meu encontro? Não que não estivesse presente de alguma forma no meu dia-a-dia, tentando fazer experiência à luz da Escola de Comunidade sobre algumas coisas que tinham me acontecido; mas em relação a esse panfleto, nada; assim como outros amigos também não tiveram nada a dizer, mas isso não servia como consolo. No fim, me tocou a colocação de uma amiga que, com muita dignidade, reconhecia também ter se esquecido do panfleto, mas agradecia pela oportunidade de ter sido chamada a atenção naquela noite através de tantos testemunhos. Eu não tinha sido capaz nem disso. Quando voltei para casa, a primeira coisa que fiz foi duas cópias do panfleto, uma para mim e uma para afixar no meu trabalho. Mas não estava sereno porque, apesar de dizer a mim mesmo que outras vezes eu podia ter o desejo de aderir e que podia errar mil vezes, aquela noite diante da pergunta: ‘Tu me amas?’, embora a minha resposta fosse: ‘Claro que te amo’, corria o risco de ser apenas palavras. Na manhã seguinte, antes de ir para o trabalho, fiz Escola de Comunidade como todas as manhãs, e a primeira coisa que trabalhei foi exatamente o texto do panfleto, mas não sabia muito bem de onde começar para que se tornasse meu. De repente, tive um sobressalto ao ler o título: *É possível um novo início?* Falava exatamente para mim: eu desejo um novo início. Então, comecei a lê-lo não como se falasse apenas da Europa, da população, da economia, como me pareceu num primeiro momento, mas de mim, da minha pessoa, que a contribuição da experiência da qual falava era exatamente para mim. Tudo adquiriu um significado mais concreto, em pauta estava o meu eu. E olhando para mim, também entendi melhor o que estava acontecendo na nossa Europa e o que está em jogo nas eleições. O meu eu, através do carisma que encontrei, tem ocasião de recuperar uma postura positiva e tem a oportunidade de uma mudança. Tenho um valor como pessoa, como diz no início, e o capítulo oitavo me leva a olhar para mim como Jesus me olha; e, então, readquiri uma dignidade impensável. Se eu olho para os outros como Jesus olha, também preciso olhar para mim do mesmo modo; e isso não é de forma alguma óbvio, é um valor que se exprime também no trabalho, no modo como trato a questão, é um valor que diz respeito a como uso o tempo para crescer, livre porque dependo de outra coisa. Tudo isso contribui para a unidade da minha pessoa – ponto um do panfleto sobre o valor da Europa unida –, para uma vida jogada na busca da verdade, como diz Havel, que seja útil a mim e para buscar um bem comum. E o que dizer da crise, das minhas crises por causa das quais de vez em quando me perco, o que dizer do fato de que por graça – porque Deus salva o homem através do humano por meio do carisma que encontrei e, portanto, por meio da Igreja, de Gius, de você e dos amigos que tenho – me redime, porque o homem nunca poderá ser redimido simplesmente pelas estruturas externas. É com essa gratidão que quero concluir, porque

me aconteceu aquele início desejado, retomei a consciência da responsabilidade que tenho diante dos meus irmãos homens e de que o Senhor precisa de mim, e concerne à minha origem, ao meu destino, a toda a realidade, também a minha, que é sinal de um Outro. São palavras que não ouço mais por aí. Também é minha responsabilidade retomá-las porque um novo início é possível, não só para mim. A consequência disso tudo é o desejo de poder compartilhar com os outros o conteúdo do panfleto e de ajudar a difundi-lo por um bem, portanto, como instrumento de caridade e de missão”. Parece-me um belíssimo testemunho de como um instrumento que propomos pode ser não apenas algo a ser feito, mas algo para nós, quando o fazemos. Por isso, é uma proposta para todos não perder essa ocasião de fazer uma experiência, como documenta essa pessoa.

Roma, 10 de maio. Lembro a importância do encontro do Papa Francisco com o mundo estudantil, que acontecerá sábado, dia 10 de maio à tarde, na Praça São Pedro, em Roma. O encontro é promovido pela CEI e tem como título: “A Igreja para a escola. Em Roma com o Papa Francisco”. A educação sempre foi a nossa primeira preocupação e se há alguém que sente essa urgência da educação, na escola, como fator fundamental, somos nós. Por isso, é um convite que cada um de nós deve levar em consideração.

Veni Sancte Spiritus